

SARA CATE

elogia-me

Tradução de
Catarina Dias

EUFORIA

Para todas as «lindas meninas».

Agradecimentos

Obrigada por leres *Elogia-me*. Não tinha a certeza se seria capaz de me dedicar outra vez a um livro, mas escrever este foi como receber um abraço caloroso e perverso. Foi tudo aquilo de que estava a precisar e há tantas pessoas a quem tenho de agradecer por me ajudarem neste processo.

Em primeiro lugar e acima de tudo, um enorme obrigada aos meus leitores, Amanda e Adrian, por me ajudarem a criar a irmã mais nova mais fixe que já escrevi. O vosso apoio e contribuição significam muito para mim. Eu e a Sophie agradecemos-vos.

Um ENORME obrigada repleto de amor à minha amiga e conselheira, Amanda Anderson, por ter feito este caminho ao meu lado no último ano. Não há palavras suficientes para te agradecer, miúda. Não teria conseguido fazer isto sem ti.

Nada disto teria sido possível sem a minha equipa:

A minha editora, Rebecca's Fairest Reviews, e a minha revisora, Rumi Khan.

A minha agente, Savannah Greenwood, da Two Daisy Media.

As minhas incríveis assistentes, Lori e Misty, que trabalham que nem mours para tornar livros como este possível.

O grupo de leitores mais querido do mundo.

E os meus lindos *pecadores*.

À minha melhor amiga, Rachel, obrigada por ouvires todas as minhas mensagens de voz neuróticas e as minhas ideias malucas, e por analisares comigo as duzentas versões desta capa.

A todos aqueles que, ao longo deste ano, foram os meus pilares de amor e apoio, dizer obrigada nunca será suficiente.

Avisos de conteúdo

Diferença de idades	Abandono
BDSM	Discriminação pelo corpo
Transfobia	<i>Bullying</i>
Uso do nome antigo	Violência doméstica
Transmisia	Abuso emocional
Homofobia	Infidelidade
Misoginia	Manipulação psicológica
Conflitos parentais e familiares	Palavrões
Relatos de infidelidade	Cenas sexualmente explícitas
Consumo de álcool	Relação tóxica
Chantagem	Violência

Prólogo

Há sete anos

Emerson

– Tinha a mão a agarrar-lhe um punhado de cabelo e estávamos a curtir quando a olhei diretamente nos olhos e disse «Chupa-me a pila como uma linda menina bonita.» Quando dei por ela, já a miúda puxara o braço atrás e me dera um murro em cheio na cara.

– Foda-se! – pragueja o Garrett com uma careta.

– Caraças! – brada o Hunter.

Do outro lado da mesa, a Maggie, a única mulher do nosso grupo, parece horrorizada.

Estremeci ao tocar ao de leve no hematoma roxo que continuava a crescer em volta do meu olho.

– Acho que ela não gostou – acrescenta a Maggie, com uma leve risada, antes de beber um gole do seu vinho branco.

– Achas mesmo? – respondo bruscamente.

Pego na minha cerveja e encosto o copo frio ao rosto para acalmar a dor latejante que sinto à volta do olho. Ainda assim, está muito menos ferido do que o meu orgulho. Não há humilhação maior do que o meu primeiro olho negro a sério ser obra de uma morena bem gira com quem flirtava há semanas e que estava mais do que desejoso de foder.

– Não percebo... eu achava que nos estávamos a dar bem. Ela parecia bastante maluca e achei mesmo que estava a gostar. Parece que me enganei. Pelos vistos, não é fã de um pouco de humilhação sexual.

A mesa fica em silêncio por uns instantes. Eu e três dos meus colegas de trabalho criámos a tradição de irmos a um bar quinta-feira à noite

para descomprimir. Todos detestamos a empresa de entretenimento em que trabalhamos. Fomos para lá porque amamos esta indústria e íamos em busca de adrenalina. Agora, vamos para os copos uma vez por semana para reclamar de como a empresa seria muito mais bem gerida por nós e de como estaríamos muito melhor a trabalhar por conta própria. É só conversa. Nenhum de nós está pronto para deixar um emprego estável e começar algo do zero.

Não poucas vezes, falamos de sexo. Um a um, partilhamos os nossos segredos sexuais mais obscenos, como se fôssemos um bando de velhotes a partilhar histórias épicas de guerra. Até a nossa recatada Maggie participa. À exceção do Hunter e da sua namorada de longa data, Isabel, somos todos solteiros e pretendemos continuar assim. Uma das vantagens da indústria do entretenimento é trabalharmos à noite, em festas e em serões regados a álcool, o que significa que tínhamos sexo com fartura e, como tal, não nos faltava tema de conversa, evitando que passássemos o tempo *todo* a queixarmo-nos do nosso trabalho.

– Caraças, pá – disse o Garrett com um olhar contemplativo. – É uma treta não haver forma de juntar as pessoas com base nas maluqueiras que gostam de fazer na cama.

Assim que o diz, desatamo-nos todos a rir às gargalhadas. O Garrett faz sempre isto. Conta piadas na expectativa de que nos partamos a rir a cada frase que lhe sai da boca, algo de que também já estamos à espera.

– Estou a falar a sério. Não seria ótimo se pudéssemos encontrar alguém que goste das mesmas coisas pervertidas do que nós? Sem precisarmos de esconder nem de ter vergonha das taras que nos deixam com as cuecas molhadas.

– Tu és completamente passado, Garrett – responde o Hunter.

A verdade é que desde que pousei o copo vazio na mesa que não consigo tirar aquele pensamento da cabeça. Porque é que as aplicações de encontros não juntam as pessoas por taras? Melhor ainda... Porque não contratamos alguém para satisfazer esses desejos?

E termos um lugar seguro para os satisfazermos.

No mesmo instante, apercebo-me de que pessoas com experiência na indústria do entretenimento podem ter as competências certas para fazer algo assim. Se ao menos tivéssemos coragem para dar o salto. Podia

começar por ser um serviço de encontros, algo que fosse além de engates e rapidinhas, que fosse uma coisa séria, em que as pessoas não tivessem de se envergonhar por gostarem daquilo que gostam.

A ideia tinha tudo para poder crescer. Primeiro, uma aplicação para o serviço... e, um dia, quem sabe um clube de fetichismo a sério.

– Não sou nada – argumenta o Garrett. – Quem é que aqui não tem fantasias sexuais malucas que sempre quis realizar, mas tem medo de passar à ação? Quer dizer, é óbvio que o Emerson não tem medo de passar à ação.

Voltam todos a rir-se e o Hunter dá-me uma cotovelada nas costelas, só que eu não respondo porque continuo a matutar naquela ideia.

– Vá lá. Estou a falar a sério! – exclama o Garrett. – De todas as merdas que já fizeram, qual é que queriam mesmo realizar? Sei que têm pelo menos uma. Digam lá.

– Tu primeiro – responde a Maggie com um esgar presunçoso.

Sendo a única mulher, e ainda para mais um pouco reservada, a Maggie domina a arte de controlar a conversa, desviando a atenção dela mesma sempre que pode.

– Está bem – diz o Garrett.

Por instantes, deixo de os ouvir e eles vão partilhando, um após o outro, as suas fantasias sexuais mais íntimas e obscenas porque, como o Garrett previra, todos têm uma e nem são assim tão estranhas.

Isso faz-me pensar... se todos naquela mesa têm um fetiche específico de que têm medo de falar... será que toda a gente neste bar também as tem? Nesta cidade? No país? No mundo?

– Ei, Emerson – profere o Hunter, tocando-me ao de leve no ombro. – É a tua vez.

– Oh, isso é fácil... – interrompe-me o Garrett. – Não ouviste a história dele? O Emerson gosta de humilhar e por isso levou um murro na cara.

O grupo começou a rir a bandeiras despregadas e juntei-me a eles, mas não respondi. Com um sorriso nos lábios, dou um gole, mas não respondo. Eles que fiquem a achar que a minha tara é humilhar, mesmo que não tenha que ver com isso.

* * *

Na manhã seguinte, recebemos a notícia de que a empresa para a qual trabalhamos vai fechar. Eles vão abrir falência e nós vamos todos para o olho da rua. Só que antes que algum de nós pudesse sequer meter os papéis para o desemprego, já tínhamos um plano de negócio. Eu geria a empresa. O Garrett lidava com os clientes. O Hunter trabalhava com os programadores. E a Maggie coordenava tudo. Tão simples quanto isso.

Foi assim que nasceu o Salacious Players' Club.

Regra n.º 1: Nunca atures um namorado idiota – deixa esse otário.

Charlie

– Mas que raio se passa contigo, Charlie? – vocifera o Beau, quando me vê a chegar com as janelas abertas.

Contraio o maxilar ao sair do carro e bato com força a porta atrás de mim. Olho de relance para a minha irmã mais nova, que olha para mim no lugar do passageiro, e engulo a humilhação que sinto por ela estar a ouvir o estúpido do meu ex-namorado a maltratar-me no jardim da frente da sua nova casa. Nem me dou ao trabalho de perguntar o que fiz, porque, para ele, é sempre tudo culpa minha.

– Vai-te foder, Beau – murmuro entredentes. – Dá-me a minha metade da caução e vou-me embora.

Ele para entre a carrinha de mudanças e a porta da frente, com uma caixa nos braços.

– Gostava de o fazer, mas não estavas em casa durante a inspeção final do senhorio, por isso, enviaram o dinheiro ao meu pai. Tens de ir a casa dele buscá-lo.

– O teu pai? O quê? Porquê?

O Beau leva para dentro a caixa com a etiqueta «*Merda da Xbox*» e atira-a para o chão, ao lado da televisão, antes de voltar à carrinha. Vai dividir casa com o seu melhor amigo e parece que ainda guarda rancor por eu ter acabado com ele. Eu e o Beau namorámos quinze meses, durante seis dos quais arrendámos um apartamento de merda onde cedo percebemos que, na verdade, nos odiávamos um ao outro. Pelos vistos,

funcionávamos bem numa relação casual, mas ter uma relação madura e vivermos juntos era-nos impossível.

Bastaram três meses a morar juntos para ele me trair, ou, melhor dizendo, para ser apanhado a fazê-lo.

– Sim, Charlie. O meu pai. Ele constava no contrato de arrendamento como fiador e, como não estavas lá para receberes a caução, enviaram-na para ele.

– Merda – resmungo. – Desculpa não ter lá estado, Beau, mas estava ocupada a *trabalhar*.

Faço questão de enfatizar a última palavra, já que era eu que tinha de me desdobrar em dois empregos enquanto ele mal conseguia estar mais de um mês empregado.

– Fritar cachorros-quentes no ringue de patinagem dificilmente faz de ti a pessoa responsável nesta relação.

– Pelo menos, eu conseguia pagar as contas.

– Isto outra vez, não – grita, fechando à bruta a porta traseira da carrinha.

O Beau não tem problemas de *temperamento, per se*. Apenas é um idiota.

– Tu começaste.

Olho para a Sophie, que observa do carro. Está com uma expressão séria, as sobrancelhas franzidas. Um olhar que mostra, sem sombra para dúvidas, o quanto odeia esta dinâmica entre mim e o meu ex.

Tenho de reconhecer, a minha irmã de catorze anos desde o início que não gostou do Beau. Claro que, nessa altura, eu estava apaixonada, cega de amores. Com catorze anos, ela ainda é imune à magia dos rapazes com cabelos castanhos-claros encaracolados, olhos azuis penetrantes, um metro e oitenta de altura e abdominais definidos.

– O que é que eu faço agora? – pergunto, enquanto o Beau continua a desempacotar as suas coisas, ignorando a minha presença.

– Bem, se queres a tua metade da caução, acho que vais ter de a pedir ao meu pai.

– Não podes ser tu a pedir-lhe?

Por alguma razão que não consigo explicar, sinto que *eu* é que estou mal. Foi sempre assim com o Beau. Ele sabe como me fazer sentir inútil

e desesperada por alguma atenção positiva da parte dele, de tal forma que passei mais tempo a tentar agradá-lo do que a ser de facto feliz e isso foi algo que ficou bem claro depois de terminarmos. É verdade o que dizem: às vezes temos de nos afastar para conseguirmos ver as coisas com maior clareza.

– Tu sabes que eu não falo com aquele cabrão.

– Então, não vais buscar a tua metade da caução?

– Não vale a pena – responde com aspereza.

Sigo-o para dentro de casa.

– Bem, eu não posso ficar sem esse dinheiro, Beau.

Com um longo suspiro de irritação, ele vira-se para mim e revira os olhos.

– Tudo bem. Aqui tens.

Tira o telemóvel do bolso de trás das calças e digita algo rapidamente, com uma expressão preocupada no rosto. Segundos depois, o meu telemóvel vibra dentro da minha mala.

– Mandei-te a morada dele. Resolve-te com ele.

Depois, afasta-se, deixando-me boquiaberta.

– A sério? Não me vais ajudar?

– Se querias assim tanto o dinheiro, devias ter-te encontrado com o senhorio ontem.

– És realmente estúpido – resmungo antes de dar meia-volta, deixando-o a desempacotar as suas merdas na sua nova casa.

Enquanto caminho em direção ao carro onde a minha irmã está à minha espera com os *AirPods* nos ouvidos, faço o possível para não parecer tão incomodada quanto estou. Porém, assim que me sento no lugar do condutor e fecho a porta, sinto a intensidade do seu olhar de pena. Deixo cair a cabeça sobre o volante enquanto luto contra a vontade de chorar.

– O Beau é um merdas – diz baixinho, e eu rio-me.

Deixar a Sophie dizer palavrões é uma cena de irmã mais velha. A minha mãe fica furiosa quando nos ouve dizer palavrões, por essa razão, deixo-a fazê-lo quando estamos sozinhas. Neste caso, não posso sequer discordar dela.

– Eu sei.

– Pelo menos, acabaste com ele.

- Verdade. Só é pena ainda não ter o meu dinheiro.
- Tiro o telemóvel da mala e abro a mensagem do Beau.
- Porquê?
- Porque sou uma parva e fiz asneira. Agora, tenho de o ir buscar a casa do pai dele e aposto que ser idiota lhe está no sangue.
- Então, vamos buscar o dinheiro – responde, demasiado animada com a ideia de ir pedir a um total desconhecido que nos entregue o meu dinheiro.
- Não faço sequer ideia de onde mora o tipo. Não te vou levar comigo. – Quando clico na morada que aparece na mensagem, a aplicação de navegação abre e mostra um alfinete vermelho numa rua mesmo junto à praia. – Isto está mal, de certeza.
- O que é? – pergunta, inclinando-se para mim.
- Diz que a casa do pai dele fica no bairro de Oceanview.
- Boraaaaaaa.

Rio-me outra vez e despenteio-lhe o cabelo curto de um azul esmaecido. No verão passado, ela rapou o próprio cabelo, por isso, neste momento, tem-no mesmo abaixo das orelhas.

– Boa tentativa, pequeno Smurf. Tens aulas de piano e a senhora Wilcox passa-se comigo se te voltares a atrasar.

A Sophie revira os olhos e faz um beicinho dramático à medida que deixamos a casa do Beau para trás e atravessamos a cidade até à Secundária onde vai ter a aula. Ao longo do trajeto, revivo cada segundo da discussão com o Beau, o tom cruel com que me falou não me sai da cabeça. Uma sensação de pavor instala-se-me no estômago só de pensar em ter de encarar o pai dele.

O Beau quase nunca falava da sua família e, sempre que eu fazia perguntas, ele mudava de assunto, como se tivesse vergonha ou se sentisse constrangido. Já fora difícil conseguir que o pai dele fosse nosso fiador no ano passado, e, pouco tempo depois, eles desentenderam-se e o Beau deixou de lhe falar. No início, criámos uma ligação por causa do desprezo que ambos tínhamos pelos nossos pais. E, se o pai do Beau for parecido com o meu, falar com ele vai ser, sem dúvida nenhuma, uma grande merda.

Regra n.º 2: Nada de fazer beicinho.

Emerson

Porque é que ela está a olhar para mim assim? Esta sócia da Bettie Page, com franja preta reta e curvas bastante encantadoras, está ajoelhada no chão ao lado da minha secretária e está... a fazer beicinho. Os seus lábios vermelho-rubi estão franzidos e ela observa-me enquanto bebo o café. Tudo o que ela *não* devia fazer.

É um pedido de atenção, o que faz sentido, considerando que foi precisamente *a minha atenção* que a trouxe aqui. Estou literalmente a pagar-lhe para que ganhe uma palmadinha na cabeça ou alguns gestos de aprovação – sendo a palavra-chave *ganhar*. Até agora, esta rapariga não fez nada senão tratar-me com condescendência com toda esta teatralidade e estou a dois segundos de a expulsar porta fora. Literalmente.

Se queres ganhar a minha atenção, tens de a merecer primeiro. Comporta-te. Faz o que eu digo. Caso contrário, fica calada. Não sou um brutamontes; a cena que estamos a representar é assim, mas esta rapariga não está a seguir as regras. Ela sabia exatamente no que se estava a meter quando aceitou este trabalho.

– Olha para o chão – ordeno, sem olhar para ela.

Um suspiro de descontentamento escapa dos seus lábios antes de baixar o olhar para o chão. Espero mesmo que ela não esteja interessada em ser uma *brat*, porque definitivamente não é o meu estilo e deixei-o claro na vaga para este trabalho.

As três horas seguintes da sessão são praticamente insuportáveis, mas eu sou um cavalheiro, por isso não a expulso. Ela traz-me o almoço, poussa os seios volumosos nas minhas coxas quando eu levanto os pés